

POLO DE IMAGEM	DESIGNERS DO BRASIL – PROGRAMA GUTO ÍNDIO DA COSTA		
-----------------------	---	--	--

Entrevistado Depoimento: Guto Índio da Costa	Cidade Rio de Janeiro	Estado RJ	ÁUDIO: XX
EP () São Paulo () SLP()	Direção		Time Code ()Sim (X)Não
Responsável Transcrição Estação História	Data de Transcrição 09 de outubro de 2016		DAT ()Sim (X)Não

00:26 Adélia: e aí Guto?

Índio: Adélia, tudo bem?

Adélia: tudo bom.

Índio: tudo bom, tudo.

Adélia: e você ?

00:31 Índio: tudo ótimo, seja vem vinda.

Adélia: e aí, estamos aqui no seu espaço.

00:35 Índio: pois é. seja bem vinda, por favor.

00:38 Adélia: já logo de cara já vi uma coisa super interessante aqui...

00:42 Índio: a gente está estudando dois...dois produtos diferentes. Esse aqui é um produto dobrável de um triciclo que você vai em pé, você pilota ele de pé e esse aqui é um modelo um pouco mais sofisticado, mas está aqui só o chassi. É um produto que...onde podem duas pessoas ao mesmo tempo, então é um veículo compacto urbano, super compacto pra uma/duas pessoas.

01:07 Adélia: Guto Índio da Costa é um designer industrial, interessado na produção em série. Ou seja, ele quer que seus projetos cheguem a um maior número possível de consumidores.

01:18 Ele tem grande experiência e conhecimento em lidar com diferentes materiais, processos e escalas. É uma das vertentes da sua atuação é o trabalho de design em projetos mais amplos relacionados a urbanismo e transporte.

01:47 Índio: quando eu vejo as cidades completamente tomadas por automóveis, redesenhadas por conta do automóvel que ele transformou as cidades em lugares inóspitos. O transporte ele é muito mais do que veículo, ele é o sistema e os sistemas estão errados. Toda cadeia por trás daquilo, a gente tirar petróleo debaixo da terra, distribuir através dos postos de gasolina, botar num tanque de gasolina e gastar esse tanque inteiro em fumaça engarrafada no trânsito, isso é uma tragédia na cadeia completa de ponta a ponta.

02:24 O design pode revolucionar de certa forma a mobilidade urbana.

02:32 A gente desenhou um veículo há anos atrás, na verdade não é um veículo é um sistema onde eu chamei de Tex. Ele ocupa na rua o espaço da moto, mas ele cria por cima dos carros um corredor expresso pra o transporte público.

02:52 O projeto Tex apesar de ele nunca ter sido desenvolvido, ele nos levou a uma série de conversas mais ligadas à mobilidade e essas conversas resultaram no fato de a gente ter sido contratado na época pela CCR para participar da montagem preliminar do projeto do VLT aqui no Rio, pra o Veículo Leve sobre Trilhos.

03:21 Nós criamos um design book para licitação, definindo todo o processo da experiência do passageiro e todo o processo de integração do sistema na cidade.

03:34 Depois mais tarde o grupo que venceu a licitação nos chamou para desenvolver então o projeto. Então nós desenhamos o veículo em si, a gente desenha a parte do chassi que já é todo pronto e é todo modular, ele permite customizações específicas para cada cidade que ele é feito.

03:53 Então aqui é o moc-up do VLT, ele ainda tá sendo construído. A gente está estudando aqui a frente, tá vendo. Isso ainda tá em construção, mas no final ele fica uma maquete perfeita de como vai ser o veículo no final.

04:07 O trem tem uma percepção de qualidade que você nunca viu num transporte público brasileiro. Ele é silencioso, ele é baixo, ele não polui, ele não tem a catenária então a alimentação é pelo solo, não tem aqueles fios passando por cima. É um veículo limpo por si, muito elegante.

04:32 Isso aqui era o viaduto da perimetral. Essa região aqui era completamente sombria, suja, abandonada, tinham duas autopistas enormes aqui e isso tudo ...está sendo todo renovado e o VLT é o único transporte público que vai cruzar essa região, vai passar no meio do boulevard, cruza a Praça Mauá, integra com o centro da cidade, integra barcas, metrô, aeroporto. É um sistema que na minha opinião vai revolucionar o transporte aqui da região.

05:12 Eu tenho feito mobiliário urbano em vários lugares, várias cidades e é um projeto que me dá muito prazer porque coloca o design em confronto direto com o público, com o grande público. Aqui na Praça Mauá, aqui no porto é uma experiência mais completa porque faz parte de uma grande renovação urbana muito maior até do que o próprio mobiliário e nós aqui desenhamos os bancos, as lixeiras, os bicicletários e de uma série de novas peças, abrigos de onibus, os Mops, os relógios que aos poucos estão sendo instalados e já dá pra perceber a mudança completa que essa renovação urbana tá causando pra a cidade.

06:09 O projeto da orla, nós fizemos o projeto eu diria com uma grande inovação porque o projeto pedia quiosques e banheiros na orla da praia e a gente entendeu que seria um absurdo ter banheiros externos expostos cortando a vista da paisagem. A empresa concorrente, a Orla Rio, eles toparam fazer no subterrâneo toda a infraestrutura de banheiros. A gente fez depósitos, a gente fez uma grande máquina de máquinas, a gente embutiu todo o lixo. Você tem uma preparação de alimentos e bebidas embaixo que sobem por um...por um montacargas e é servido no quiosque. Isso fez com que cada quiosque que atendia a 18/20 pessoas, passasse a atender 72 pessoas. O quiosque é totalmente industrializado, como eram 309 a gente detalhou ele de forma industrial, tudo feito numa fábrica, ele é montado na praia e aí tem a integração entre o design e a arquitetura. A arquitetura fez todo o projeto de ambientação daquilo, toda implantação urbanística, o desenho dos decks, todo o projeto do subsolo e o quiosque realmente se integra perfeitamente à arquitetura e se integra ao conjunto.

07:40 Eu sou filho de um pai arquiteto, uma mãe decoradora e eu nunca tive a noção de quanto isso teria me influenciado até o dia que eu descobri que eu tinha sim aptidão pra ser designer. E meu pai, eu tinha oito anos de idade, nós todos fomos morar numa casa que ele projetou e que nós assistimos construir. E foi uma experiência transformadora pra todos nós, porque saímos de um apartamento convencional aqui em Botafogo, fomos morar na Barra da Tijuca numa casa feita por ele com todo um carinho e todo um cuidado de...que você pode imaginar numa casa de um arquiteto.

08:32 Tinha uma revista inglesa chamada Design que eu adorava ler na faculdade, subia na biblioteca e ficava lendo a revista e num desses anúncios da revista Design inglesa eu vi um concurso patrocinado pela Sony pra estudante de design e a Sony pedindo que estudantes mandassem um projeto de um walkman, e esse projeto realmente mudou um pouco a minha vida, porque eu resolvi participar e quando eu mandei e três meses depois recebi o resultado fiquei frustradíssimo ao perceber a diferença entre o que a gente fazia no Brasil naquele momento, numa faculdade, eu estava no 5º período de uma faculdade de design e o que que estudantes de 5º período faziam mundo afora. Dos 12 premiados 7 eram de uma única faculdade. Era o Art Center College Of Design, então eu não tive dúvida, essa é a faculdade que eu tenho que conhecer, essa faculdade que eu tenho que descobrir. O Campus era um sonho, tinha uma infraestrutura espetacular.

09:40 Eu tive quatro meses na Dinamarca que também foram muito importante pra a minha formação, num escritório multi-internacional trabalhando com um australiano, com inglês e com dinamarquês, conhecendo muito melhor aquela cultura escandinava tão forte em matéria de design e com enorme admiração e respeito pelo trabalho do Jacob, primeiro designer a ter uma exposição imensa que se tornou aliás quase que permanente, grande parte das peças faz parte da exposição permanente do MoMA até hoje.

10:17 E no meio desse caminho eu recebi uma ligação, papai me liga e diz: olha, está tendo uma oportunidade única aqui no Rio de Janeiro, é a primeira vez que eu vejo um concurso de arquitetura e urbanismo convidar explicitamente equipes multidisciplinares, era o projeto Rio Cidades. E realmente o concurso previa equipes de paisagistas, arquitetos e designers que deveriam fazer o mobiliário urbano de cada área de intervenção nas cidades.

10:47 Índio da Costa - arquiteto: os projetos urbanísticos são pluridisciplinares. O urbanista funciona como uma espécie de maestro organizando uma orquestra ali onde entram paisagistas, onde entram estudos de tráfego, onde entram designers, onde entram uma série de outros profissionais. O mobiliário urbano por exemplo é um trabalho de designer, não é um trabalho de urbanista, trabalho de urbanista é pensar a cidade num complexo maior.

11:15 Índio: e nós ganhamos o concurso, fomos um dos treze grupos selecionados e na época nos foi dado o bairro do Leblon. A gente desenhou o mobiliário urbano do Leblon que são os postes de iluminação, os abrigos de ônibus, as cabines telefônicas.

11:33 Terminado o projeto eu embarquei e fui trabalhar um ano na Alemanha e foi um outro capítulo interessante porque eu trabalhei um ano com o Alex Neumeister, onde ele tinha acabado de ser convidado pra fazer o projeto do trem de alta velocidade alemão, então eu durante um ano praticamente desenhei esse e outros trens junto com a equipe dele, uma equipe de seis designers, um escritório extremamente enxuto trabalhando num produto de altíssima tecnologia, de altíssima qualidade.

12:10 Quando eu voltei da Alemanha aí eu comecei a visitar indústria e fui apresentando meu trabalho. Eu consegui dois projetos, um foi uma garrafa térmica... e outro foi uma panela de fondue. E a partir daí...a nossa atuação foi crescendo e nós fomos passando a ter mais e mais clientes.

12:49 Adélia: um dos projetos mais marcantes da Índio da Costa Design é o ventilador Spirit. Os ventiladores que a gente encontrava no mercado eram todos meio que parecidos, feitos de pás de madeira e com um visual meio ultrapassado. Nesse momento os designers Alex Neumeister, Ângela Carvalho e Celso Santos projetam um ventilador totalmente diferente em plástico injetado, o Aliseo, com uma performance de ventilação bem superior. A equipe da Índio da Costa Design aprofunda essa inovação e lança um ventilador com duas pás apenas, também de plástico e muito mais barata do que o antecessor.

13:27 Índio: o ventilador ele tinha uma inovação técnica muito forte, porque ele era inteiro injetado em policarbonato ao contrário das pás de madeira ou metal, até a carenagem do motor que era metal nós eliminamos tudo e trocamos nove ou dez peças por apenas quatro, então ele era mais inteligente de ser fabricado, ele era mais rápido de ser fabricado, ele era mais econômico de ser fabricado em muitos aspectos. E ele tinha as pás injetadas com uma aerodinâmica tal e com uma curvatura tal que uma pá de madeira ou de metal não poderia proporcionar. Com essa inovação técnica a gente conseguiu uma inovação funcional que era realmente mais vento.

TRANSCRIÇÃO – ÁUDIO: XX – POLO DE IMAGEM {DESIGNERS DO BRASIL – PROGRAMA GUTO ÍNDIO 2 DA COSTA}

14:08 O policarbonato ele é transparente, então a gente teve a liberdade de fazer um ventilador totalmente transparente. Fizemos uma paleta grande de coloridos translúcidos.

14:20 Ele era facilmente desmontável, as peças em policarbonato poderiam ser recicladas, o motor era facilmente separado, então havia uma preocupação também ecológica e que o produto carregou.

14:47 Uma das grandes dificuldades da profissão do designer é como se expressar e como explicar pra qualquer pessoa como é a ideia do seu produto. Então, você faz isso através de desenhos, então os desenhos até hoje por computador são muito elaborados e você faz através de volumes, que são maquetes efetivamente. Você tem dois tipos de maquetes que nós chamamos de moc-ups. Então olha, isso aqui é um o que a gente chama de um moc-up volumétrico de uma cadeira, ele é todo feito aqui no caso em isopor, é levíssima olha tá vendo. Mas isso nos ajuda a entender a forma, a entender o volume. O moc-up rígido ele já começa a ter a superfície, a gente já começa a pensar se a superfície é lisa, se é rugosa, se é texturizada, qual cor, etc. Esse é o terceiro passo onde a gente transforma ela já num moc-up definitivo. Então aqui a gente estudou a questão das duas cores, a gente achou que as duas cores fracionavam o volume ainda de maneira mais dramática.

15:59 Num certo momento da nossa trajetória a gente percebeu que as vezes ficar só esperando alguém bater aqui na porta e nos pedir um projeto era também uma atitude muito passiva e muito...as vezes até muito frustrante. A partir daí a gente tem criado sim uma série de parcerias onde a gente não mais é contratado pra fazer um projeto, mas onde a gente apresenta um projeto praticamente pronto à uma indústria que tem interesse em fabricar.

16:32 Eu queria desenhar uma cadeira plástica que tivesse qualidade pra ser perene e durabilidade pra isso. e nós procuramos uma empresa que fazia cadeiras de botequim e nós propusemos à eles fazer essa cadeira e eles toparam. Isso aqui é a matéria prima que a gente usa pra injetar a cadeira. Essa matéria prima é uma mistura de dois materiais, o polipropileno e o celstran e ela aqui aparece com pequenos pontos coloridos que é o que vai conferir a cor ao produto final.

17:16 Aquele plástico ele é aquecido e ele é injetado por dentro desse tubo preenchendo o molde e dentro do molde forma-se a cadeira.

18:00 Adélia: Chão de fábrica é o ambiente por excelência do Guto Índio. É ali que o que ele concebe e desenvolve se torna realidade.

18:25 Túlio Mariante – curador de design do MAM-RJ: essa cadeira eu acho que ela é o exemplo de que ...do que é o bom design. ele estudou uma mistura de matérias primas colocando junto à essa matéria tradicional fibra de vidro. O que quer dizer isso, a fibra de vidro empresta pra esse material flexibilidade, quanto mais flexível menos se rompe e tem uma aceitação fabulosa porque ela pode ser utilizada desde uma sala de visitas até uma varanda, uma área externa, uma área interna.

19:00 Índio: eu enxergo com muita tristeza o fato do Brasil ser um país tão rico, tão cheio de... de riquezas naturais, tão cheio de materiais, de matéria prima etc. e ao invés de nós brasileiros transformarmos isso em produtos de alto valor agregado, a gente praticamente vive de exportar essas matérias primas quase que brutas e a gente vive de comprar dos outros os produtos sofisticados feitos a partir dela. Um Iphone da Appel vale em receita o equivalente a oito toneladas de minério de ferro. Então a venda inteligência tem uma leveza, uma agilidade, uma rapidez e um valor agregado incomparável, impossível de se competir com a venda de matéria prima bruta. A própria China que tem um mega parque industrial e que se tornou o fabricante do mundo, de um certo tempo pra cá percebeu que a grande riqueza não está em fabricar efetivamente, mas está em ser dono da propriedade intelectual e a propriedade intelectual é o que a gente vende. Eu canso de dizer aqui pra a minha equipe sempre: o que a gente vende não é um produto final, mas é a propriedade intelectual do produto. Quer dizer, é a patente, o registro, a maneira de defender a ideia que a gente está vendendo. E é isso que tem valor pra um fabricante, é isso que tem valor pra um país.

20:38 Adélia: Guto tem batalhado pra que haja um maior incentivo público ao design no Brasil, como uma forma de melhorar a qualidade de vida das pessoas e de melhorar também o desempenho econômico do Brasil no cenário global.

20:53 Índio: a Secretaria de Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro, criou um Conselho Consultivo de Design e eu fui chamado e fui...inicialmente esse Conselho teve como base, como ideia a meta de tentar revigorar a indústria carioca e a indústria fluminense, então houve uma série de exposições...

21:18 Você vê o ano passado nós estivemos em Milão com mais de cem designers, mais de cem produtos expostos, foi o 7º ano de uma política que começou lá atrás e que tem sido consistente, constante e que eu acho que conseguiu abrir os olhos do público e os olhos da indústria e os olhos do próprio governo pra o potencial do design.

22:16 Essa é uma empresa de metais sanitários que nos procurou querendo rejuvenescer a marca, redesenhar a empresa, redesenhar os produtos.

22:31 Douglas Robinson Martins – Engenheiro Diretor da Fabrimar: Nos processos de fabricação e as ideias das engenharias das empresas ficam um pouco... fechadas. Então, foi muito importante pra a gente esse período, essa experiência com...com o Guto, tentar trazer algo de novo, buscar coisas diferentes.

23:00 Índio: a gente começa a trabalhar junto com a empresa, definindo aonde inovar, aonde renovar, que segmentos de mercado precisam ser melhorados, reforçados e fazendo no fundo produtos de melhor qualidade, de melhor design.

23:19 Uma das inovações que a gente propôs e trouxe pra a linha de produtos foi por exemplo, uma...uma nova maneira de fabricar uma torneira. Uma torneira normalmente é um bloco maciço de material, pesa quase meio quilo de...de latão. A gente desenvolveu um processo e um conceito onde a gente fez cascas finíssimas e elas são encaixáveis, tá vendo, utilizando o ABS que é um polímero de engenharia que a gente pode usar diversas cores, diversas combinações. Esse produto ele permite uma reciclagem muito fácil posteriormente pelo fato de ele ser facilmente desmontável.

24:04 As pessoas tem uma visão muito...romântica do processo de design, parece que o design sonha com uma solução e rabiscou uma ideia. E não é assim. Uma ideia inicialmente ela é fruto de um grande problema, pode ser como ventilar a sua casa, pode ser como manter a sua comida refrigerada, é um problema. O que gera uma geladeira é um problema. Essas ideias elas não caem do céu, essas ideias elas aparecem porque a gente está absolutamente imerso no problema. Ai vem os dados de pesquisa de mercado que a gente faz e de ouvir os consumidores e de saber o que que eles querem, o que que eles não querem, ouvir as pessoas. Canso de dizer, a gente não entende de geladeira, nem de fogão, a gente não entende desse monte de coisa que a gente desenha. A gente entende de gente. tem um monte de engenheiro que nos ajuda a desenhar cada um desses produtos, mas são as pessoas e essa interface entre o que realmente é relevante e o que realmente as pessoas querem é o que a gente mais trás pra a indústria eu diria. (pausa) **(final do programa).**

25:27 Créditos Finais